

# Partido e Revolução – 1848-1989\*

Parties and Revolution

Ronaldo Coutinho\*\*

Após o fim do chamado “socialismo real”, em 1989, com o início da “longa noite” do movimento operário instaurou-se uma época contrarrevolucionária que perdura até os dias atuais e é interpretada como o definitivo triunfo do projeto capitalista e da democracia ocidental burguesa sobre as demais formas societárias até então conhecidas. Com a disseminação ideológica da ideia de “fim da história”, das ideologias, das lutas de classe, da impossibilidade de novos movimentos revolucionários etc., vive-se, como assinala o próprio autor, “uma vaga histórica pouco propícia para se reconstruir uma projeção societária assentada em valores radicalmente antagônicos aos burgueses”. E é precisamente nesse quadro histórico desalentador que Marcelo Braz resolveu enfrentar o desafio de contribuir para a revitalização teórica e política da possi-

bilidade de *revolução como emancipação humana*, plenamente consciente de que atingir esse objetivo “requer uma renovação teórica que procure realizar uma articulação entre as fontes clássicas da tradição marxista e as contribuições da tradição teórico-política que delas se derivaram e a elas se associaram no curso da trajetória do movimento socialista e comunista” e que essa articulação “deve se dar em função e a partir dos enormes desafios postos pela contemporaneidade das lutas de classe”. O resultado: um *livro essencial*.

Nele conjugam-se a pesquisa extremamente cuidadosa, o pleno domínio da bibliografia, o conhecimento dos processos históricos analisados, a fundamentação segura na teoria marxiana e um profundo conhecimento das questões exploradas ao longo de todo o texto. Além disso, vale sublinhar a maneira densa e ousada com que são analisadas e interpretadas questões como o saldo teórico-político do stalinismo, a questão nacional, o “socialismo num só país” tendo sido, *ao mesmo tempo*, obra teórica de Stálin e demanda real das contradições internas na Rússia e do fracasso da revolução no Ocidente, a ideia de um Estado socialista, do tipo proletário, assentado numa unidade operário-camponesa, com uma forma específica — predominantemente estatal — de controle social da produção como a mais apropriada para identificar o governo bolchevique, entre outras.

O exame crítico das contribuições de Togliatti e Trotski, a avaliação do eurocomunismo, as pertinentes ressalvas às aná-

\* Braz, Marcelo. Editora Expressão Popular: 2011.

\*\* Livre-docente/doutor em Sociologia; professor da Universidade Federal Fluminense-Niterói/RJ, Brasil e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro — aposentado. *E-mail*: coutinholenin@uol.com.br.

lises de Mandel e Claudin, as observações sobre os equívocos de interpretação da Internacional Comunista sobre o fascismo como *possível forma final do capitalismo*, o problema da dificuldade que a unidade de ação em torno das frentes antifascistas provocou nas forças do campo revolucionário constituem sólida contribuição para uma reavaliação de interpretações históricas ainda predominantes.

Retomo o ponto de partida de Marcelo Braz para destacar, uma vez mais, a relevância e a profundidade de sua contribuição teórico-política:<sup>1</sup> a crise que as esquerdas vivem hoje é, acima de tudo, uma crise de suas expressões mais avançadas (os movimentos socialista e comunista), ou seja, nos partidos políticos revolucionários. Logo, estudá-los “é estudar as próprias possibilidades de transformação social; discutir a falência de *algumas de suas formas históricas* é imprescindível para problematizar as alternativas possíveis à superação da crise; *realizar uma viagem de volta às mais importantes experiências revolucionárias que existiram efetivamente* é decisivo para lançar luzes sobre o debate atual” (p. 22). Debate, aliás, marcado por uma convicção da definitiva superação do *partido* como instrumento político e organizador da classe proletária e, ao mesmo tempo, por uma fetichizada concepção dos “novos” movimentos sociais e das organizações

---

1. Afinal, o livro ora resenhado não é um texto meramente acadêmico, mas sobretudo um *texto de combate*.

que integram o Terceiro Setor. O livro alicerça-se na vertical investigação das revoluções proletárias desenvolvidas ao longo do século XX, que se caracterizam por dois aspectos determinantes: ou tiveram os partidos políticos (socialistas ou comunistas) como seus principais protagonistas desde a preparação do processo revolucionário, passando pelo desenlace decisivo e se prolongando pela sua afirmação e consolidação posteriores, ou os engendraram ulteriormente como desdobramento político e os tiveram como principais condutores. Também se orienta pela constatação de que a partir das próprias revoluções se consolidou, no âmbito da tradição marxista, toda uma tradição teórico-política voltada para o debate em torno da concepção de *revolução* e da noção de *partido revolucionário*, tradição que deu continuidade — aprofundando, inovando, revisando ou deformando — aos debates que se iniciaram na segunda metade do século XIX, daí a análise das obras de Kautsky, Lênin, Rosa Luxemburgo, Bernstein, Trotski e Stálin. Estudo empreendido, conforme adverte (e realiza) o autor, com uma impecável contextualização histórica.

Registre-se a leitura crítica das noções de *partido* e de *revolução* inauguradas pelo *Manifesto do Partido Comunista* desenvolvida no Capítulo 1 (p. 29-45) e na conclusão (p. 305-9) e, sobretudo, a refinada análise da importância política e do legado teórico de Lênin que ilumina substancialmente o texto e permite ao autor observar, quando estuda a relação entre o programa do partido e a prática política

concreta que “processo revolucionário impõe ao partido um permanente acompanhamento dos fatos e uma contínua análise da conjuntura na qual se inserem as classes sociais em disputas com seus projetos e seus interesses. Ainda que o partido não necessite abandonar suas teses centrais, nas quais, em geral, se vislumbram horizontes macrossocietários de maior lapso temporal, não implica que elas não possam ser subordinadas, estrategicamente, às necessidades político-conjunturais mais prementes” (p. 109)

O livro de Marcelo Braz, escrito de forma elegante, clara e muito expressiva, enriquecido por notas de rodapé sempre oportunas, elucidativas e com referências indispensáveis, revela-se *essencial* e deve

ser lido com a maior atenção, especialmente porque evidencia, com argumentação sólida, consistente e com suporte histórico, que as experiências revolucionárias por ele estudadas possibilitam afirmar que até hoje “o partido foi a organização política do proletariado que, como instrumento de mediação universal, tornou possível historicamente a realização da síntese fundamental das diversas lutas numa luta política — ou, noutros termos, *tornou possível a própria revolução como emancipação humana*” (p. 308); [grifos do autor].

Recebido em 25/5/2012



Aprovado em 6/6/2012